

Capítulo Extra:

o podcast como espaço de escuta e compreensão das práticas de leitura

Mariana Ponzetto Anizio¹

Bruno César dos Santos²

Resumo

Este estudo analisa a produção do podcast *Capítulo Extra* como dispositivo de investigação das práticas leitoras contemporâneas, considerando as transformações decorrentes do avanço das tecnologias digitais e das novas formas de consumo midiático. A pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, articulando revisão bibliográfica com a análise das entrevistas realizadas ao longo dos episódios. O percurso metodológico envolveu etapas de planejamento, seleção de participantes, elaboração de roteiro, gravação, edição e interpretação das narrativas. Do ponto de vista teórico, mobilizam-se autores como Roger Chartier (1999; 2019), Lúcia Santaella (2013; 2018), Rildo Cosson (2014; 2018), Magda Soares (2016), Paulo Freire (1996), além de Marcelo Kischinhevsky (2016), Eduardo Vicente (2018) e André Barbosa Filho (2003), que contribuem para a compreensão da leitura como prática social, cultural e mediada tecnologicamente. Os resultados indicam que a leitura se apresenta como uma prática plural e subjetiva, atravessada por diferentes trajetórias e formas de mediação, evidenciando o papel da escola, da família e das plataformas digitais na formação do leitor. O podcast mostrou-se um instrumento potente de escuta e produção de conhecimento, ao favorecer a emergência de narrativas espontâneas e reflexivas sobre a relação dos sujeitos com a literatura. Conclui-se que o *Capítulo Extra* ultrapassa a condição de produto comunicacional, constituindo-se como espaço de investigação, mediação cultural e compreensão das práticas leitoras na contemporaneidade.

Palavras-chave

práticas de leitura; podcast; mediação literária; cultura digital; formação de leitores.

1. Introdução

A criação do podcast *Capítulo Extra* insere-se no campo das práticas contemporâneas de produção de conhecimento mediadas por tecnologias digitais, articulando comunicação, literatura e cultura em um formato que privilegia a escuta, a oralidade e a construção coletiva de sentidos. Considerando o avanço das mídias sonoras e a reconfiguração dos hábitos de leitura no século

¹ Aluna do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) e participante do programa de Iniciação Científica da FAPCOM. E-mail: 222508@sou.fapcom.edu.br;

² Professor dos cursos Bacharelados, Licenciatura e Tecnólogos da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) e docente dos grupos de pesquisa “Infotainment, kitsch e endereçamento: diálogo informal, humor velado e hibridismo genérico em programas telejornalísticos e talkshows brasileiros” e “Histórias do Rádio e da TV: Em prol da construção do museu da fala do radialismo paulista” E-mail: bruno.santos@fapcom.edu.br;

XXI, o podcast emerge como uma ferramenta potente para investigar e compreender como a leitura se manifesta nas experiências cotidianas dos sujeitos. Nesse contexto, o presente trabalho tem como temática central a produção do podcast como instrumento de mediação cultural e investigação sobre as práticas leitoras, buscando compreender de que modo diferentes trajetórias individuais se articulam com o universo da leitura e da literatura.

A problemática que orienta esta pesquisa pode ser sintetizada na seguinte questão: de que maneira a produção de um podcast pode contribuir para compreender e evidenciar as múltiplas formas de constituição do leitor na contemporaneidade? A partir dessa indagação, formulam-se duas hipóteses: a primeira considera que o podcast, enquanto espaço de escuta e diálogo, favorece a emergência de narrativas subjetivas que revelam a leitura como prática plural e situada; a segunda hipótese sustenta que a mediação tecnológica, especialmente por meio das mídias sonoras, amplia as possibilidades de aproximação entre sujeitos e literatura, contribuindo para a ressignificação do ato de ler em contextos digitais.

O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar a produção do podcast Capítulo Extra como dispositivo de investigação das práticas leitoras contemporâneas. Como objetivos específicos, propõe-se: compreender as relações entre tecnologia e leitura na contemporaneidade; identificar os diferentes modos de constituição do leitor a partir das narrativas dos participantes; analisar o papel da mediação escolar, familiar e digital na formação do hábito leitor; e refletir sobre o potencial do podcast como ferramenta de escuta, registro e produção de conhecimento no campo da leitura e da literatura.

Do ponto de vista teórico, o trabalho mobiliza autores que discutem a leitura, a mediação cultural e as transformações tecnológicas. Roger Chartier (1999; 2019) contribui para a compreensão das práticas de leitura como construções históricas e sociais, marcadas por mudanças nos suportes e nas formas de apropriação do texto. Lúcia Santaella (2013; 2018) amplia essa discussão ao abordar as especificidades da leitura em ambientes digitais, destacando sua fluidez e multiplicidade. Rildo Cosson (2014; 2018) e Magda Soares (2016) fundamentam a análise da leitura como prática social e cultural, enfatizando o papel da mediação na formação do leitor. Paulo Freire (1996) oferece suporte à compreensão crítica da leitura como instrumento de interpretação do mundo. No campo das mídias sonoras, Marcelo Kischinhevsky (2016), Eduardo Vicente (2018)

e André Barbosa Filho (2003) contribuem para a análise do podcast como linguagem e formato comunicacional.

A metodologia adotada caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, articulando revisão bibliográfica com análise empírica das entrevistas realizadas no podcast. O processo envolveu etapas de planejamento, definição de roteiro, seleção de participantes, gravação, edição e análise das falas, compreendidas como narrativas que expressam experiências individuais com a leitura. A escuta atenta e a interpretação dos discursos constituíram elementos centrais do percurso metodológico, permitindo identificar padrões, singularidades e recorrências nas formas de relação com a literatura.

Quanto à estrutura, o trabalho organiza-se em capítulos que acompanham o desenvolvimento teórico e prático da pesquisa. O primeiro capítulo aborda a trajetória tecnológica da leitura, discutindo as transformações do impresso ao digital. O segundo capítulo analisa as plataformas digitais e as novas dinâmicas de leitura contemporânea. O terceiro capítulo discute a leitura no cotidiano, considerando aspectos como mobilidade, conveniência e desafios. O quarto capítulo examina o papel dos influenciadores literários nas redes sociais e suas implicações culturais. O quinto capítulo apresenta perspectivas da leitura na contemporaneidade digital.

Por fim, o sexto capítulo dedica-se à análise da produção do podcast Capítulo Extra, articulando os referenciais teóricos às experiências empíricas construídas ao longo do projeto. Dessa forma, o trabalho busca não apenas descrever uma experiência de produção midiática, mas compreender como ela se constitui como espaço de investigação, escuta e reflexão sobre a leitura na contemporaneidade.

2. A trajetória tecnológica da leitura: do impresso ao digital

A tecnologia, ao longo da história, tem se articulado de maneira profunda com as dinâmicas culturais e sociais, assumindo um papel estruturante nos modos pelos quais o conhecimento é elaborado, disseminado e apropriado pelas sociedades. Desde o período em que os manuscritos eram reproduzidos manualmente — processo que exigia elevado investimento de tempo, habilidade e recursos — até a criação da prensa tipográfica por Johannes Gutenberg, no século

XV, observa-se que cada avanço técnico promoveu alterações significativas no acesso à leitura e na circulação de saberes.

Em momentos anteriores a essa inovação, o contato com narrativas literárias, como os romances, frequentemente dependia da publicação seriada em folhetins distribuídos de forma periódica, o que implicava espera e restringia o acesso a determinados grupos sociais. Além disso, fatores como o custo elevado dos materiais e os baixos índices de alfabetização contribuíam para que a leitura permanecesse limitada a uma parcela reduzida da população. A introdução da prensa tipográfica alterou profundamente esse cenário, ao viabilizar a produção em larga escala de livros, inaugurando um processo histórico marcado pela ampliação do acesso e pela progressiva democratização do conhecimento.

Já no século XX, com o advento das tecnologias digitais, novas formas de leitura passaram a emergir, consolidando a mediação tecnológica como elemento central da experiência literária contemporânea. A difusão de livros em formatos digitais, como ePub, PDF e Mobi, ampliou consideravelmente as possibilidades de acesso, permitindo a leitura em múltiplos dispositivos, como computadores pessoais, tablets e smartphones. Esse movimento pode ser compreendido à luz do que Roger Chartier (2019) denomina de “mutação das práticas de leitura”, na medida em que os novos suportes não eliminam o livro impresso, mas ressignificam seu papel cultural, estabelecendo outras formas de interação entre texto, suporte e leitor.

De acordo com dados divulgados pelo PublishNews (2024), o segmento digital já corresponde a aproximadamente 8% do mercado editorial brasileiro, apresentando perspectivas de crescimento contínuo. Tal dado evidencia não apenas a reconfiguração da indústria editorial frente às demandas tecnológicas, mas também a emergência de hábitos de leitura mais dinâmicos, flexíveis e interativos. Nesse contexto, dispositivos como tablets, smartphones e o Kindle têm desempenhado papel relevante na ampliação do acesso à leitura, sobretudo por sua portabilidade, custo relativamente acessível e pelas funcionalidades que oferecem, como ajuste de tipografia, controle de luminosidade e modos de leitura adaptativos.

O Kindle, em particular, diferencia-se por incorporar uma tecnologia de tela que simula o papel impresso, contribuindo para a redução do cansaço visual e aproximando a experiência digital daquela proporcionada pelo livro físico. Assim, a leitura em ambientes digitais não se limita a

facilitar o acesso aos textos, mas promove uma reconfiguração do próprio ato de ler, integrando-o às práticas cotidianas contemporâneas.

Para Lúcia Santaella (2013), a leitura no contexto digital caracteriza-se por sua fluidez, rapidez e multiplicidade de formas, demandando do leitor competências cognitivas e culturais mais complexas, capazes de articular diferentes linguagens, suportes e modos de interação. Nesse cenário, o leitor do século XXI passa a constituir uma experiência literária marcada pela interatividade, pela instantaneidade e pela conectividade, em que as distinções entre o impresso e o digital tornam-se progressivamente menos delimitadas. Tal configuração evidencia que a tecnologia, longe de substituir o livro enquanto objeto cultural, amplia suas possibilidades simbólicas e comunicativas, reafirmando sua centralidade no âmbito da cultura digital e nas práticas contemporâneas de leitura.

3. Plataformas digitais de leitura e suas dinâmicas contemporâneas

As modalidades de leitura em ambientes digitais apresentam ampla diversidade, sendo os e-books um dos formatos mais representativos, podendo assumir desde configurações simples, compostas exclusivamente por texto, até versões mais complexas, que incorporam imagens, hiperlinks e elementos multimidiáticos.

Paralelamente a esse cenário, observa-se a expansão significativa dos audiolivros, cuja adesão crescente está diretamente associada à possibilidade de consumo de conteúdos em situações nas quais a leitura convencional se torna inviável, como durante deslocamentos urbanos, práticas esportivas ou mesmo na execução de atividades domésticas. Essa forma de fruição literária, mediada pela escuta, vem se consolidando por permitir a integração do hábito de leitura às rotinas cotidianas, sem a necessidade de interrupção de outras tarefas.

O setor editorial brasileiro, nesse contexto, atravessa um período de reconfiguração estrutural. Informações divulgadas pelo E-commerce Brasil (2024) indicam que, embora o livro impresso ainda ocupe posição predominante, o segmento digital apresenta ritmo acelerado de crescimento. No ano de 2023, por exemplo, verificou-se uma retração de 8% no volume de vendas de exemplares físicos, acompanhada de uma redução de 5,1% no faturamento real. Ainda que os formatos digitais não substituam integralmente o suporte impresso, eles passam a ocupar um

espaço complementar, ampliando as possibilidades de acesso e diversificando as formas de consumo literário.

Conforme argumenta Carla Coscarelli (2016), a leitura em meio digital não implica a eliminação da leitura em papel, mas promove uma reconfiguração das práticas leitoras e do papel do sujeito na construção de sentidos, o que evidencia a coexistência entre diferentes suportes. Dados do mesmo relatório do E-commerce Brasil (2024) apontam que aproximadamente 75% dos leitores brasileiros optam pelo uso de smartphones para leitura, motivados sobretudo pela acessibilidade e pelo menor custo em comparação a dispositivos dedicados, como o Kindle. No entanto, essa preferência também traz desafios, como o desconforto visual decorrente da iluminação das telas, a presença constante de notificações e estímulos concorrentes, além da ausência da materialidade tátil característica do livro impresso, fatores que podem impactar a concentração e a qualidade da experiência leitora.

Na perspectiva de Lúcia Santaella (2018), o leitor contemporâneo inserido no ambiente digital caracteriza-se por estar permanentemente conectado, mas simultaneamente sujeito à dispersão, uma vez que transita entre múltiplas telas, linguagens e fluxos informacionais. Em contrapartida, os chamados e-readers oferecem condições mais favoráveis à leitura prolongada, ao combinarem portabilidade, conforto visual e acesso facilitado a acervos digitais por meio de serviços de assinatura e bibliotecas virtuais. Tais plataformas possibilitam ao leitor explorar uma grande variedade de títulos mediante pagamento recorrente, ampliando o alcance do consumo literário. O mesmo levantamento indica que as bibliotecas digitais responderam por 44% da receita do mercado editorial digital em 2023, registrando um crescimento de 47,6% em relação ao período anterior.

Nesse panorama, a leitura digital configura-se como um espaço de convergência entre diferentes formatos, dispositivos e plataformas, promovendo uma transformação significativa na experiência do leitor contemporâneo, que passa a valorizar atributos como flexibilidade, mobilidade e conveniência diante de rotinas cada vez mais dinâmicas. Assim, a prática da leitura, anteriormente vinculada de forma predominante ao suporte físico, expande-se para ambientes virtuais, audiovisuais e móveis, integrando-se de maneira mais orgânica ao cotidiano. Tal processo evidencia uma redefinição do ato de ler, marcada pela incorporação de tecnologias que ampliam o

acesso ao conhecimento e consolidam hábitos culturais mais híbridos, conectados e adaptáveis às exigências do mundo digital.

4. Leitura no cotidiano: entre mobilidade, conveniência e desafios digitais

De acordo com informações do Extra Classe (Neves, 2024), a mobilidade configura-se como um dos elementos centrais na redefinição do comportamento do leitor contemporâneo, assumindo papel decisivo na constituição de hábitos de leitura, sobretudo entre jovens e adultos que precisam conciliar múltiplas demandas, como estudo, trabalho e práticas corporais. Nesse cenário, a portabilidade proporcionada pelos dispositivos digitais atua como um importante facilitador, especialmente para aqueles que permanecem longos períodos fora de seus ambientes domésticos, minimizando limitações físicas e logísticas tradicionalmente associadas ao acesso aos livros.

Dispositivos como o Kindle exemplificam essa transformação, uma vez que, por apresentarem dimensões reduzidas e menor peso em comparação aos livros impressos, possibilitam a leitura em diferentes contextos, como trajetos em transporte público, salas de espera ou intervalos ao longo da rotina diária, favorecendo uma relação mais contínua com o texto. No entanto, apesar dessas facilidades evidentes, a leitura em ambiente digital ainda se depara com entraves relevantes que limitam sua plena difusão.

Entre esses obstáculos, destaca-se a desigualdade no acesso às tecnologias digitais e à internet, que permanece como um fator de exclusão significativo no contexto brasileiro. Dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (2023) indicam que aproximadamente 20,5 milhões de brasileiros ainda se encontram desconectados, o que evidencia a existência de um contingente expressivo de indivíduos impedidos de usufruir das potencialidades oferecidas pela leitura digital. Soma-se a esse quadro a questão econômica, uma vez que os custos associados à aquisição de dispositivos eletrônicos e à adesão a serviços de assinatura de plataformas digitais restringem o acesso a determinados grupos sociais, dificultando a universalização dessa prática.

Outro aspecto que merece atenção refere-se às exigências cognitivas impostas pela leitura em dispositivos multifuncionais, como smartphones e tablets. A constante presença de notificações, aplicativos e estímulos concorrentes pode comprometer a concentração do leitor,

interferindo negativamente na profundidade da leitura e na construção de sentido. Nesse sentido, Roger Chartier (2019) aponta que a experiência de leitura em ambientes digitais tende a ser marcada pela fragmentação e pela dispersão, exigindo do sujeito leitor uma postura mais ativa, disciplinada e autorregulada diante do texto.

Dessa forma, embora a tecnologia tenha contribuído de maneira significativa para ampliar o acesso à leitura e incorporá-la de forma mais orgânica ao cotidiano, ela também introduz novas demandas ao leitor contemporâneo. Torna-se necessário, portanto, o desenvolvimento de estratégias de atenção, foco e organização do tempo, a fim de sustentar uma relação qualitativa com a leitura. Nesse contexto, elementos externos — como a participação em comunidades leitoras, clubes de leitura e a atuação de influenciadores digitais — articulam-se a fatores internos — como motivação pessoal, interesse temático e fruição estética —, constituindo-se como aspectos fundamentais para a consolidação da leitura digital enquanto prática cultural relevante e duradoura na sociedade contemporânea.

5. Influenciadores literários nas redes sociais: reconfigurações culturais da leitura

Com a expansão das redes sociais, os modos de circulação, discussão e apropriação dos livros passaram por transformações significativas. Ambientes digitais como YouTube, Instagram e TikTok inauguraram novas possibilidades de interação entre leitores, autores e obras, ampliando o alcance da literatura e tornando o debate sobre livros mais ágil, acessível e plural. Essas plataformas favoreceram o surgimento de comunidades virtuais centradas no universo literário, nas quais os participantes compartilham experiências de leitura, trocam indicações e produzem conteúdos que transitam entre a crítica, a recomendação e a criação autoral.

Tal movimento contribui para a ampliação do acesso simbólico à leitura, tensionando a ideia de que o ato de ler estaria restrito a espaços acadêmicos ou a grupos socialmente privilegiados. É nesse contexto que emergem os chamados BookTubers, Bookstagrammers e BookTokers, sujeitos que atuam como mediadores culturais no ambiente digital, desempenhando papel relevante na difusão e na valorização da leitura. O fenômeno do BookTube, desenvolvido inicialmente no YouTube, constituiu-se como uma das primeiras expressões desse movimento, reunindo criadores de conteúdo que passaram a publicar resenhas, análises temáticas, listas de

leitura e recomendações de lançamentos. Com isso, a leitura, tradicionalmente entendida como uma prática individual, passa a assumir contornos coletivos, marcados pela interação e pelo compartilhamento de percepções.

Conforme argumenta Alex Primo (2019), as redes digitais instauram uma lógica de “interação mediada e recíproca”, na qual os sujeitos deixam de ocupar uma posição passiva diante do conteúdo e passam a participar ativamente da construção de sentidos. Nesse cenário, o YouTube se consolida como um espaço de formação de leitores e produtores culturais, ao possibilitar que a linguagem audiovisual seja mobilizada como estratégia de incentivo à leitura.

Com o avanço das dinâmicas digitais e a crescente fragmentação dos modos de consumo de conteúdo, parte desses criadores passou a migrar para plataformas caracterizadas por formatos mais breves e maior potencial de viralização, como o Instagram e o TikTok. Nesses ambientes, os Bookstagrammers e BookTokers passaram a adaptar suas práticas discursivas a uma estética marcada pela rapidez, pela visualidade e pela circulação intensiva de conteúdos. Recursos como hashtags, desafios literários, vídeos curtos e edições dinâmicas são utilizados como estratégias para atrair a atenção do público e estimular o interesse por obras específicas.

Os efeitos dessa dinâmica são perceptíveis no próprio mercado editorial, uma vez que diversos títulos passaram a alcançar posições de destaque em listas de mais vendidos após se tornarem virais, especialmente no TikTok, consolidando expressões como “os queridinhos do TikTok”, hoje incorporadas inclusive em livrarias físicas e plataformas de comércio eletrônico. De acordo com Gomes e Angelucci (2024), os influenciadores literários desempenham papel significativo na democratização do acesso à leitura, alcançando públicos que, em muitos casos, não tiveram contato prévio ou sistemático com livros. Ao promoverem práticas como leituras coletivas, desafios temáticos e espaços de debate, esses mediadores contribuem para o fortalecimento do hábito leitor e para a constituição de comunidades baseadas em interesses compartilhados.

Entretanto, como problematiza Raquel Recuero (2020), o alto nível de engajamento observado nessas plataformas não necessariamente se traduz em aprofundamento crítico, sendo fundamental distinguir a visibilidade de determinado conteúdo de sua efetiva contribuição para a formação leitora. Assim, embora YouTube, Instagram e TikTok apresentem características próprias, todas convergem para a construção de novas experiências literárias, marcadas pela

circulação ampliada de obras, pela formação de redes de leitores e pela constituição de identidades vinculadas à prática da leitura.

Nesse contexto, ao articularem tecnologia e literatura, as redes sociais promovem uma reconfiguração das formas de interação entre leitores e textos, transformando o ato de ler em uma experiência cada vez mais social, participativa e integrada às dinâmicas comunicacionais do mundo contemporâneo.

6. Perspectivas da leitura na contemporaneidade digital

A relação entre tecnologia e futuro revela-se cada vez mais estreita, influenciando tanto as dinâmicas sociais quanto as experiências individuais, e a prática da leitura insere-se de forma direta nesse processo de transformação. Observa-se, na atualidade, a configuração de um cenário híbrido, no qual suportes impressos e digitais coexistem de maneira complementar, sem que um implique necessariamente na substituição do outro. A expansão contínua das plataformas digitais interativas evidencia uma tendência de crescimento desse ambiente, que se torna progressivamente mais acessível, responsivo e adaptável às preferências dos leitores. Ademais, os avanços tecnológicos têm contribuído para o aprimoramento das interfaces e das experiências de leitura digital, ajustando-se às demandas de um público cada vez mais conectado e habituado à personalização dos conteúdos.

Nesse contexto, o papel desempenhado pelas comunidades digitais e pelos influenciadores literários configura-se como um dos principais desafios contemporâneos no campo da leitura. Embora se observe um aumento significativo no consumo de conteúdos em ambientes digitais, tal crescimento não tem sido acompanhado, na mesma proporção, pela ampliação do número de leitores habituais. Diante desse cenário, a atuação de mediadores culturais e criadores de conteúdo voltados à literatura torna-se fundamental para incentivar o engajamento e fortalecer o vínculo dos indivíduos com a prática leitora. Dados divulgados pela CNN Brasil (2025) indicam que apenas 20% da população brasileira dedica parte de seu tempo livre à leitura. Entre os fatores apontados para essa realidade, destacam-se a escassez de tempo, o desinteresse e as dificuldades de acesso aos livros — especialmente aos exemplares físicos —, elementos que contribuem para a diminuição do hábito leitor.

Na contemporaneidade, ler ultrapassa a simples decodificação de signos linguísticos, configurando-se como uma atividade complexa que envolve reflexão, produção de sentido, construção de conhecimento e interação social. Conforme ressalta Rildo Cosson (2018, p. 25), a leitura constitui-se como uma prática social que possibilita aos sujeitos compreenderem a realidade e atuarem sobre ela de maneira crítica. Nesse sentido, ainda que atravessada por transformações tecnológicas, a leitura mantém sua centralidade na experiência humana, sendo continuamente ressignificada por novas linguagens, suportes e formas de mediação. A tecnologia, longe de descaracterizar essa prática, amplia suas possibilidades, diversifica seus formatos e potencializa novas formas de participação cultural, reafirmando sua relevância no mundo contemporâneo.

7. Produção do Podcast “Capítulo Extra”

Foram produzidos quatro episódios do podcast Capítulo “Extra” como parte experimental desta pesquisa, cada um com duração média de aproximadamente uma hora. O projeto foi desenvolvido no contexto de uma pesquisa de Iniciação Científica, com o objetivo de investigar, de maneira exploratória e qualitativa, as práticas de leitura na contemporaneidade a partir da escuta de diferentes trajetórias e experiências individuais. Nesse sentido, o podcast foi concebido não apenas como um produto comunicacional, mas como um instrumento metodológico que possibilita a coleta e a análise de narrativas, contribuindo para a compreensão de como a leitura se manifesta no cotidiano dos sujeitos.

A proposta do Capítulo “Extra” partiu da curiosidade investigativa em compreender como diferentes perfis se relacionam com a literatura, considerando aspectos como formação, mediação, hábitos e influências culturais. A escolha do formato em de vídeo e áudio favoreceu a construção de um espaço de escuta mais sensível e aprofundado, permitindo que os participantes compartilhassem suas experiências de forma espontânea. Assim, cada episódio se configurou como um ambiente de diálogo, no qual memórias, percepções e reflexões sobre a leitura puderam emergir de maneira mais livre e subjetiva.

Os episódios contaram com a participação de convidados com perfis diversos, o que ampliou as possibilidades de análise do objeto de estudo. Entre eles, Giovana Guimarães, aluna da

FAPCOM e leitora, trouxe uma perspectiva vinculada aos processos contemporâneos de formação leitora. Já Luís Mauro Sá Martino, doutor em Ciências Sociais e autor de referência na área da comunicação, contribuiu com uma abordagem teórica e crítica sobre cultura, mídia e práticas de leitura.

Também participou Bruno Marchese, criador de conteúdo digital e autor que lançará seu primeiro livro em 2026, trazendo reflexões sobre a relação entre leitura, internet e produção de conteúdo. Por fim, Goimar Dantas, jornalista, roteirista, escritora e palestrante, agregou uma visão profissional e cultural sobre literatura, escrita e mediação. A diversidade dos entrevistados, reunindo perspectivas acadêmicas, profissionais e pessoais, contribuiu para a construção de um panorama mais amplo e plural das práticas leitoras, reforçando o podcast como um espaço de investigação e produção de conhecimento.

A produção do podcast Capítulo Extra foi uma experiência profundamente enriquecedora. Mais do que um simples projeto de comunicação, ele nasceu da vontade de ouvir pessoas e entender como a leitura e a literatura fazem parte das suas vidas. A proposta era abrir espaço para diferentes vozes e visões, convidando cada participante a compartilhar suas próprias experiências, lembranças e percepções sobre o que é ler e por que a leitura é importante. A ideia era, de forma leve, construir um mosaico de histórias e sentimentos que mostrasse como a literatura pode se manifestar de muitas maneiras, seja como hábito, prazer, refúgio, aprendizado ou forma de expressão.

Desde o início, o objetivo principal do Capítulo Extra foi aproximar as pessoas do universo literário por meio da conversa. A escolha do formato de podcast veio justamente por permitir um diálogo mais livre, espontâneo e acolhedor. A voz tem uma força única: ela transmite emoção, hesitação, riso e memória. Cada episódio foi pensado como um espaço de escuta, e não apenas de fala. O mais importante era criar um ambiente em que o convidado se sentisse à vontade para contar sua história e refletir sobre o lugar que a leitura ocupa em sua vida.

Com o andamento das gravações, foi possível perceber que o ato de ler se constitui como uma prática profundamente singular, atravessada por trajetórias individuais e por diferentes formas de inserção social. Em alguns relatos, a leitura apareceu como uma descoberta autônoma, motivada pela curiosidade e pelo encontro pessoal com o texto; em outros, revelou-se fortemente vinculada a processos de mediação, especialmente no âmbito familiar e escolar. Essa dualidade pode ser

compreendida a partir das reflexões de Michèle Petit (2008), ao indicar que a leitura se constrói na articulação entre experiências íntimas e contextos sociais, sendo atravessada por dimensões afetivas, culturais e simbólicas.

Nesse percurso, a mediação assume um papel decisivo na formação do leitor. Conforme aponta Rildo Cosson (2014), o contato com a literatura, quando orientado por práticas pedagógicas sensíveis, favorece a construção de sentidos e o desenvolvimento de uma relação estética com o texto. A leitura, nessa perspectiva, ultrapassa a dimensão técnica e passa a ser compreendida como prática cultural que envolve interpretação, repertório e participação ativa do sujeito.

A escola, por sua vez, emerge como espaço fundamental para a constituição dessas experiências leitoras, desde que vá além de uma abordagem exclusivamente instrumental. Magda Soares (2016) destaca que o letramento implica a inserção do indivíduo em práticas sociais de leitura e escrita, o que exige metodologias que integrem o ensino formal às vivências dos estudantes. Assim, formar leitores envolve criar condições para que a leitura seja percebida como atividade significativa e socialmente situada.

Essa compreensão dialoga com as contribuições de Paulo Freire (1996), ao enfatizar que o ato de ler está intrinsecamente ligado à leitura do mundo, sendo parte de um processo mais amplo de compreensão da realidade. A leitura, nesse sentido, não se restringe à decodificação de palavras, mas envolve uma postura crítica diante do contexto social, permitindo ao sujeito interpretar e ressignificar sua experiência.

No âmbito internacional, as reflexões de Aidan Chambers (1993) reforçam a ideia de que a leitura é influenciada pelos contextos sociais em que ocorre, sendo moldada pelas interações e pelos ambientes nos quais o leitor está inserido. Tal perspectiva evidencia que a formação do leitor não acontece de forma isolada, mas em redes de relações que incluem família, escola e comunidade.

As narrativas dos participantes, portanto, evidenciam que a leitura assume múltiplos sentidos, podendo ser vivenciada como descoberta individual ou como prática mediada por outros sujeitos. Essa pluralidade reforça o papel da educação na formação de leitores, especialmente quando a literatura é trabalhada com sensibilidade e criatividade. Nessas condições, a leitura deixa de ser percebida como obrigação e passa a se constituir como experiência significativa, capaz de mobilizar imaginação, empatia e reconhecimento do outro.

Durante as entrevistas, os temas abordados foram variados e se conectaram tanto com o universo literário quanto com o cotidiano dos convidados. Discutimos o papel da literatura na formação pessoal, a influência das redes sociais na leitura, o impacto da tecnologia e até as mudanças nos hábitos de leitura das novas gerações. Muitos participantes destacaram o valor da representatividade e o quanto se reconhecer nas histórias é importante para criar vínculos e para que mais pessoas sintam que a literatura também é um espaço que lhes pertence.

A dinâmica intitulada “Isso ou Aquilo”, incorporada ao podcast voltado à leitura e à literatura, configura-se como um recurso comunicacional que articula ludicidade, interação e revelação de subjetividades no interior da linguagem sonora. Estruturado a partir de escolhas rápidas e binárias, como “romance ou poesia?” ou “livro físico ou digital?”, o quadro opera com uma simplicidade aparente que, ao ser analisada mais detidamente, evidencia um potencial expressivo relevante para o desenvolvimento da narrativa do programa. Sua inserção contribui para diversificar o ritmo da produção e criar condições favoráveis à aproximação entre participantes e ouvintes, ao mesmo tempo em que estimula a emergência de falas espontâneas e a construção de vínculos afetivos no ambiente de escuta.

No campo dos estudos radiofônicos, o “Isso ou Aquilo” pode ser compreendido como um quadro, isto é, uma unidade interna que organiza o fluxo do programa e possibilita a alternância de formatos e conteúdos. Conforme discute André Barbosa Filho (2003), os quadros desempenham papel fundamental na estruturação dos programas de áudio, pois permitem segmentar a narrativa e introduzir diferentes dinâmicas de interação. Essa fragmentação controlada favorece a manutenção da atenção do público e amplia as possibilidades de experimentação estética e discursiva. A presença de um momento mais leve, como o proposto nessa dinâmica, contribui para equilibrar trechos mais analíticos ou reflexivos, criando um movimento narrativo mais fluido.

A lógica que sustenta o quadro aproxima-se de uma estrutura lúdica, na medida em que propõe um jogo de escolhas que mobiliza respostas imediatas. Ainda que não se trate de um jogo formal, a dinâmica dialoga com a compreensão de Johan Huizinga (2000) acerca do jogo como uma atividade que cria uma esfera própria de sentido, regida por regras específicas e capaz de envolver os participantes de maneira intensa. A rapidez das respostas desloca o participante de um registro discursivo mais elaborado para uma expressão mais intuitiva, o que favorece a autenticidade das falas e abre espaço para desdobramentos inesperados na conversa.

No contexto das mídias sonoras contemporâneas, estratégias dessa natureza assumem um papel ainda mais relevante. Marcelo Kischinhevsky (2016) destaca que o rádio expandido e os podcasts incorporam práticas interativas e elementos de entretenimento como forma de intensificar o engajamento e fortalecer a dimensão afetiva da escuta. A dinâmica analisada atua nesse sentido ao promover identificação, uma vez que o ouvinte tende a se posicionar mentalmente diante das escolhas propostas, estabelecendo uma relação ativa com o conteúdo.

Essa relação é potencializada pela especificidade do podcast enquanto meio de comunicação. Eduardo Vicente (2018) observa que o consumo de áudio sob demanda favorece uma escuta mais próxima e individualizada, na qual a espontaneidade e a informalidade contribuem para a construção de intimidade entre quem fala e quem escuta. O “Isso ou Aquilo” se insere nesse cenário como um recurso que humaniza o participante, ao evidenciar preferências e reações imediatas, aproximando-o do público e reforçando a sensação de conversa cotidiana.

As escolhas propostas no quadro também podem ser interpretadas como indicadores de identidade leitora, uma vez que mobilizam preferências que ultrapassam o nível do gosto imediato e se relacionam com trajetórias de leitura e modos de apropriação do texto. Roger Chartier (1999) argumenta que as práticas de leitura constituem formas de construção de si, nas quais os sujeitos se reconhecem e se diferenciam social e culturalmente. As respostas oferecidas no interior da dinâmica permitem acessar essas dimensões de maneira indireta, revelando aspectos da relação do participante com a literatura e com o próprio ato de ler.

A presença desse tipo de quadro, portanto, contribui para a construção de uma narrativa sonora que combina leveza e profundidade, articulando momentos de descontração com possibilidades de interpretação mais densas sobre o universo da leitura. A produção do podcast Capítulo Extra pode ser compreendida como um processo que ultrapassa a dimensão técnica e se insere no campo das experiências comunicacionais e formativas, articulando planejamento, escuta e criação narrativa no contexto das mídias sonoras.

Desde a etapa inicial, que envolve pesquisa temática, seleção de convidados e elaboração de roteiros, até os momentos de gravação e edição, observa-se a construção de um percurso que exige não apenas domínio técnico, mas também sensibilidade diante da complexidade do diálogo. Nesse sentido, a preparação das perguntas assume um papel estratégico, pois demanda equilíbrio

entre direcionamento e abertura, permitindo que o entrevistado desenvolva reflexões sem comprometer a espontaneidade da fala.

No âmbito da linguagem radiofônica, essa dinâmica pode ser interpretada à luz das contribuições de André Barbosa Filho (2003), que enfatiza a importância da organização estrutural e da diversidade de formatos na construção de programas de áudio. A entrevista, enquanto formato, não se reduz a um roteiro fixo, mas se configura como um espaço de negociação discursiva, no qual a escuta ativa orienta o desenvolvimento da conversa. Durante a gravação, a atenção ao interlocutor torna-se central, uma vez que os deslocamentos temáticos emergem de forma orgânica, conduzindo a desdobramentos inesperados que enriquecem o conteúdo. Essa característica reforça o papel do podcast como um ambiente de flexibilidade narrativa, no qual o imprevisto controlado contribui para a autenticidade do discurso.

A etapa de edição, por sua vez, evidencia o caráter criativo da produção sonora. Longe de ser apenas um processo técnico de corte e organização, a edição implica decisões que envolvem ritmo, entonação, pausas e continuidade, aspectos fundamentais para a construção de sentido. Marcelo Kischinhevsky (2016) destaca que, no contexto do rádio expandido e dos podcasts, a montagem sonora desempenha um papel essencial na experiência do ouvinte, pois é por meio dela que se estabelece o equilíbrio entre clareza informativa e envolvimento emocional. Preservar a essência das falas, ao mesmo tempo em que se organiza o fluxo narrativo, constitui um dos principais desafios desse processo.

Ao longo da produção, torna-se evidente que o podcast não se limita a um produto final, mas se configura como uma ferramenta de investigação e compreensão das práticas culturais. Eduardo Vicente (2018) observa que o podcast contemporâneo possibilita a construção de espaços de escuta aprofundada, nos quais as experiências individuais ganham visibilidade e significado. Nesse contexto, ouvir sujeitos falando sobre leitura permite acessar dimensões concretas de como essa prática se manifesta no cotidiano, revelando múltiplas formas de relação com o texto escrito.

As falas dos participantes indicam que a leitura assume funções variadas, que vão desde instrumento de transformação pessoal e aquisição de conhecimento até companhia afetiva e silenciosa. Essa diversidade de sentidos pode ser compreendida a partir das reflexões de Roger Chartier (1999), para quem as práticas de leitura estão profundamente vinculadas à construção

social e subjetiva dos indivíduos. Ler não é apenas decodificar textos, mas participar de um processo de apropriação simbólica que envolve memória, identidade e experiência.

A pluralidade observada nas narrativas dos convidados evidencia que não há um modelo único de leitor, mas uma multiplicidade de trajetórias e modos de relação com a literatura. Alguns sujeitos desenvolvem uma rotina intensa de leitura, enquanto outros se aproximam dos livros de maneira esporádica; há preferências por gêneros distintos e motivações diversas que orientam o ato de ler. Essa heterogeneidade reforça a compreensão do universo literário como um campo aberto e dinâmico, no qual diferentes práticas coexistem e se transformam.

A experiência de produção do Capítulo Extra, nesse sentido, revela o podcast como um espaço de escuta e construção de conhecimento, capaz de articular dimensões técnicas, estéticas e humanas em torno da leitura. O Capítulo Extra mostrou que não existe uma única forma de ser leitor. Há quem leia todos os dias e quem leia apenas quando um livro chama. Há quem prefira poesia e quem busque romances longos. Há quem veja na leitura um passatempo e quem a enxergue como uma missão. Essa pluralidade é o que torna o universo literário tão fascinante. E foi exatamente isso que o podcast quis revelar: que a leitura é um território livre, afetivo e múltiplo, em que cada pessoa constrói seu próprio caminho.

O papel da educação apareceu em praticamente todos os episódios, direta ou indiretamente. Professores, escolas e projetos de incentivo à leitura foram lembrados com carinho e gratidão. Em muitos casos, o primeiro contato com a literatura foi mediado por um educador apaixonado, que soube apresentar o livro não como uma obrigação, mas como um convite. Essa dimensão reforça a ideia de que o incentivo à leitura é também um ato de cuidado e de construção de cidadania. Como lembra Paulo Freire, ler o mundo é o primeiro passo para transformá-lo, e a literatura tem esse poder de ampliar o olhar e despertar a consciência.

Mais do que um projeto acadêmico, o Capítulo Extra foi uma experiência de partilha. Ao reunir histórias tão diversas, o podcast criou um espaço de encontro entre diferentes formas de viver e sentir a literatura. Foi um exercício de escuta e empatia, tanto para quem produziu quanto para quem ouviu. Em um tempo em que a informação é imediata e o silêncio é raro, parar para ouvir alguém falar sobre o que lê, o que sente e o que acredita se tornou um gesto de resistência e de sensibilidade.

Por fim, o Capítulo Extra mostrou que cada leitor carrega em si uma história. Uma história que começa em algum livro, mas que se estende para muito além das páginas. O podcast foi um convite para contar e ouvir essas histórias, para lembrar que a leitura é um ato vivo, cheio de significados e possibilidades. Foi também uma forma de reafirmar que, quando a literatura encontra espaço para ser compartilhada, ela deixa de ser apenas palavra escrita e se transforma em experiência humana.

8. Conclusão

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho permitiu compreender que a produção do podcast Capítulo Extra se constituiu não apenas como um produto comunicacional, mas como um dispositivo efetivo de investigação das práticas leitoras na contemporaneidade. Retomando a problemática proposta — compreender de que maneira o podcast pode contribuir para evidenciar as múltiplas formas de constituição do leitor —, os dados analisados indicam que tal objetivo foi alcançado. As narrativas coletadas ao longo dos episódios evidenciaram que a leitura não se configura como uma prática homogênea, mas como um fenômeno plural, atravessado por experiências individuais, contextos sociais e diferentes formas de mediação.

No que se refere às hipóteses inicialmente formuladas, ambas se confirmaram ao longo da investigação. A primeira, que considerava o podcast como espaço capaz de favorecer a emergência de narrativas subjetivas, mostrou-se consistente diante da espontaneidade das falas e da profundidade dos relatos dos participantes, que trouxeram à tona dimensões afetivas, formativas e simbólicas da leitura. A segunda hipótese, relacionada ao papel das mídias sonoras na aproximação entre sujeitos e literatura, também se confirmou, uma vez que o formato do podcast demonstrou potencial significativo para criar um ambiente de escuta acolhedor, promovendo identificação, reflexão e engajamento.

Os objetivos geral e específicos foram igualmente contemplados. Foi possível analisar o podcast como ferramenta de investigação, identificar diferentes trajetórias leitoras, compreender o papel da escola, da família e das tecnologias digitais na formação do leitor e refletir sobre as transformações das práticas de leitura no cenário contemporâneo. A articulação entre teoria e

prática permitiu não apenas descrever a experiência de produção, mas interpretá-la à luz de referenciais consolidados no campo da leitura, da educação e da comunicação.

Os autores mobilizados ao longo do trabalho contribuíram de maneira decisiva para a sustentação teórica da análise. Roger Chartier (1999; 2019) possibilitou compreender a leitura como prática histórica e social, evidenciando suas transformações ao longo do tempo. Lúcia Santaella (2013; 2018) ofereceu subsídios para pensar a leitura no contexto digital, destacando sua fluidez e complexidade. Rildo Cosson (2014; 2018) e Magda Soares (2016) fundamentaram a discussão sobre a formação do leitor como prática social mediada, enquanto Paulo Freire (1996) ampliou a compreensão da leitura como instrumento crítico de interpretação do mundo. No campo das mídias sonoras, Marcelo Kischinhevsky (2016), Eduardo Vicente (2018) e André Barbosa Filho (2003) contribuíram para compreender o podcast como linguagem, formato e espaço de mediação cultural.

A partir dos resultados obtidos, algumas possibilidades de continuidade e aprofundamento podem ser indicadas para pesquisas futuras. Estudos que ampliem o número de participantes e diversifiquem ainda mais os perfis sociais podem contribuir para uma compreensão mais abrangente das práticas leitoras no Brasil. Além disso, investigações que articulem o podcast a contextos educacionais formais, como salas de aula e projetos pedagógicos, podem explorar seu potencial como ferramenta de ensino e incentivo à leitura. Outra possibilidade relevante consiste na análise comparativa entre diferentes formatos de mídia — como vídeo, texto e áudio —, a fim de compreender como cada linguagem impacta a formação do leitor.

Por fim, destaca-se que o Capítulo Extra evidenciou a potência da escuta como prática investigativa e formativa. Em um cenário marcado pela rapidez da informação, o exercício de ouvir narrativas sobre leitura revelou-se um gesto significativo de construção de conhecimento e de valorização das experiências humanas. O trabalho reafirma, assim, que a leitura, em suas múltiplas formas, permanece como prática central na constituição dos sujeitos, sendo continuamente ressignificada pelas tecnologias e pelas relações sociais que a atravessam.

9. Referências

CHAMBERS, Aidan. **Tell me: children, reading and talk**. York: Stenhouse Publishers, 1993.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2019.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). **Pesquisa TIC Domicílios 2023: uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**. São Paulo: CGI.br, 2023.

COSCARELLI, Carla V. **Leitura digital: múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

E-COMMERCE BRASIL. **Panorama do mercado editorial digital no Brasil 2024**. Disponível em: <https://abre.ai/nWQx>. Acesso em: 26 abr. 2026.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1996.

NEVES, Bárbara. **Mercado digital cresce e muda comportamento de editoras, livreiros e leitores**. Disponível em: <https://abre.ai/nWQt>. Acesso em: 26 abr. 2026.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

PUBLISHNEWS. **Mercado editorial brasileiro cresce em 2024 e e-books ganham força**. Disponível em: <https://abre.ai/nWQB>. Acesso em: 26 abr. 2026.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens e cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2018.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2016.